**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIENCIAS HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

CIBELE COSTA DANTAS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CULPA NA PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR: ANALISANDO PAIS, PROFESSORES E ALUNOS**

São Cristovão – Se

2015

CIBELE COSTA DANTAS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CULPA NA PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR: ANALISANDO PAIS, PROFESSORES E ALUNOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora. Profa. Dra.VeleidaAnahi da Silva.

São Cristovão – Se

2015

CIBELE COSTA DANTAS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CULPA NA PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR: ANALISANDO PAIS, PROFESSORES E ALUNOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora. Profa. Dra.VeleidaAnahi da Silva.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. VeleidaAnahi da Silva

Orientadora

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª Ana Maria Freitas Teixeira

Universidade Federal de Sergipe

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Maria José Nascimento Soares

Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho ao meu marido Martins Santos dos Passos, as minhas filhas Meriane, Tatyane, Luana e Victorya, aos meus genros Bruno, Thiago e Denisson e aos meus netos Breno e Arthur com todo amor.

**AGRADECIMENTOS**

 Não foi fácil chegar até aqui, as pedras no caminho pareciam enormes, intransponíveis Nunca imaginei. Passei momentos bons, momentos tristes, momentos de incertezas, mas estou vendo o começo de um sonho se concretizar. Desde que interrompi minha caminhada há alguns anos atrás por razões alheias a minha vontade, nunca desisti de sonhar, mas precisava fazer esse sonho ser real, e para isso contei com a colaboração de algumas pessoas que foram importantes para mim.

 Primeiramente meu Deus, meu escudo, minha fortaleza, sem ele não chegaria aqui; agradeço ao meu marido por sempre me incentivar e cobrar meus estudos quando necessário; as minhas filhas queridas, meus tesouros, pela compreensão quando precisei estar mais afastada; a minha tia Ruth, que sempre acreditou que eu iria conseguir; ao professor Celso (ex. diretor de uma escola que trabalhei) por ter me incentivado quando precisei ter coragem para reiniciar minha caminhada; a minha tia Nilsa por ter me ajudado nas horas mais precisas; as minhas tias Mércia e Rilda que são referências de perseverança para mim.Também não posso esquecer meu pai, minha referencia, e a professora Enilma Carey pela colaboração neste trabalho.

 Agradeço ao professor Antônio Vital, por ter confiado e proposto o desafio de um tema abstrato e tão presente em nossa sociedade, tenha certeza professor que esse é o início de um longo caminho que tenho que percorrer e aprender para poder aperfeiçoá-lo. A professora Veleida por ter aceitado dar um norte nessa minha caminhada transmitindo-me sempre confiança e uma paz interior muito grande, mesmo quando achei que não conseguiria sempre me incentivou a seguir em frente. As professoras Ana Teixeira e a professora Maria José Nascimento pelo prazer de tê-las fazendo parte da minha banca e também por todo conhecimento passado a mim durante esse processo na graduação.

 Mais uma vez obrigado meu Deus por me permitir sonhar e acreditar que todos os sonhos podem virar realidade independente de qual tempo ele esteja se cumprindo NUNCA É TARDE para viver o que sonhamos, basta apenas acreditar.

Nunca fomos tão incapazes de conviver, tão incapazes de seguir um acordo, tão incapazes de viver. Odiamos as regras, buscamos um prazer cada vez mais descartável e imediatista, matamos o que não temos coragem de transformar. Fazemos altíssimo uso de drogas lícitas e ilícitas, de medicações psiquiátricas; acessamos a tecnologia contra o tempo, contra a morte, contra o sofrimento, mas desaprendemos a acessar a vida e estamos desprendendo a reelaborar nossa dor em arte.

(Viviane Mozé)

**RESUMO**

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que surgiu a partir de algumas reflexões que vim adquirindo durante minha experiência profissional em secretarias de escolas públicas, cotidianamente presenciei embates entre professores e pais com objetivo de apontar culpados pelo fracasso escolar dos filhos,um apontando erros na metodologia de ensino e o outro culpando pelo não acompanhamento dos filhos nas atividades da escola e em casa. Inicialmente veremos breves conceitos do contexto em que foi desenvolvido o trabalho “a escola e a família”, em seguida relataremos como anda a noção de aprendizagem, fracasso escolar e queixa escolar na atualidade, então entraremos no campo de pesquisa com a caracterização da escola, professores, alunos e famílias e finalmente apresentaremos a conceitualização de culpa para Freud e Edith Rubinstein e todos os resultados obtidos na pesquisa. O método de pesquisa desenvolvido foi primeiramente bibliográfico e depois a pesquisa empírica de cunho qualitativo e quantitativo utilizando instrumentos de pesquisa de campo como diários, entrevista e questionários. Por fim entendemos que a culpa é uma construção social, uma herança que vem se perpetuando dentro da nossa sociedade.

Palavras chaves: Culpa. Queixa Escolar. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work is the result of a research which sets out some reflections that were acquired the sharing of many experiences from my professional life in public school departments, the intense dialogue among parents and teachers the aim is to point to fingers who took responsibility about educational failure of the children, one pointing errors in teaching methods and resources used blaming the other for non- monitoring of children in school and homework. Finally they wanted to identify at the real culprits. Initially we will look at brief concepts in the context in which the study was done then it will be reported how learning process, about "the school and the family," in which will report the notion of apprenticeship, the school complaint about school failure and what are probably undiagnosed learning difficulties. So teachers, students and families and finally present the conceptualization of guilt in the line Freud and Edith Rubinstein and all results obtained in the research study. First, the research method was developed bibliographic and then empirical inquiry of qualitative nature and using quantitative field research instruments such as diaries, interviews and questionnaires. Lastly, we believe that guilt is a social construct; it is heritage from within our society.

KEYWORDS: Guilt . Complain School . Learning

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Fachada do Anexo da Escola Diva Maria Correia.

Figura 2 – Fachada da Escola Diva Maria Correia

Figura 3 - Quadra de esportes situada na praça em construção.

Figura 4 – Parque e a quadra de esportes depois de pronto.

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**.......................................................................................................................11

**CAPÍTULO I: O CONTEXTO EM FOCO**.........................................................................15

1.1 -Conceitos de Escola e Família na atualidade....................................................................15

1.2 - Aprendizagem,fracasso escolar, queixas escolares..........................................................17

**CAPÍTULO II: CARACTERIZANDO O CAMPO DE PESQUISA**................................19

2.1 – A Escola .........................................................................................................................19

2.2 – Asprofessoras..................................................................................................................21

2.3 – Os alunos e a família.......................................................................................................21

2.4 – Desenvolvendo a metodologia .......................................................................................22

**CAPÍTULO III:A CULPA NUM ESTUDO DE UM RECORTE ESPECÍFICO SOBRE AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS: ANALISE DAS RESPOSTAS DOSALUNOS, PROFESSORAS E FAMÍLIA SOBRE A PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR**

3.1 – As angústias das professoras remetem a idéia deculpa produzida por si mesmo......................................................................................................................................25

3.2 – A Influência familiar remete a ideia da culpa construída pelo outro. ..................................................................................................................................................26

3.3 – O reconhecimento da culpa na alteridade para alunos, professoras e família, remete a ideia de que a forma de enxergar o mundo e o outro são geradores de conflitos, porque faz nascer à discriminação, o preconceito, os estigmas, o ódio.....................................................27

**3.4 – Queixas das professoras sobre os alunos, família, escola, colegas e outras**..............29

3.4.1 – Queixa das professoras sobre os alunos........................................................................33

3.4.2 – Queixa das professoras sobre as famílias......................................................................34

3.4.3 – Queixa das professoras sobre o sistema de governo e sobre a estrutura da escola.......35

**3.5- Queixas dos alunos sobre a professora, família, escola, colegas**..................................36

3.5.1 – Queixa dos alunos sobre a professora...........................................................................42

3.5.2 – Queixa dos alunos sobre a família................................................................................42

3.5.3 – Queixa dos alunos sobre a escola..................................................................................43

3.5.4 – Queixa dos alunos sobre os colegas..............................................................................43

**3.6- Queixas da família sobre as professoras, família, escola, sistema de governo e outras.**

3.6.2 – Queixa da família sobre os professores........................................................................49

3.6.1 - Queixas da família sobre os alunos...............................................................................49

3.6.3 – Queixa da família sobre os pais....................................................................................50

3.6.4 - Queixa da família sobre o sistema de governo.............................................................50

3.6.5 – Queixa da família sobre a condição de extrema pobreza das famílias.........................50

**3.7 - Desmistificando nos discurso dos alunos, professoras e família, as dificuldades no processo de escolarização (queixa escolar): a quem está atribuída a culpa?**....................51

**3.8 - Desvelando no discurso sobre as queixas escolares da família, dos alunos e da professora: a quem está atribuída a culpa? E por quê**?.....................................................51

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ................................................................................................52

**REFERÊNCIAS** .....................................................................................................................53

**APÊNDICEA**Roteiro de entrevistassemi estruturada para afamília....................................55

**APÊNDICE B** – Roteiro de entrevista semi estruturadaparaoprofessor ............................. 56

**APÊNDICE C** – Entrevista de explicitação com o aluno.......................................................57

**APÊNDICE D** - Termo de consentimento esclarecido ...........................................................58

**APÊNDICE E** – Termo de compromisso ...............................................................................60

**INTRODUÇÃO**

Há milhares de motivos pelos quais os jovens imaginam que a escola é o lugar do lazer e não do saber. É importante descobri-los, mais do que criticar. Os conflitos nascem quando o professor explica algo que não é compreendido. Ainda tranquilo, e com outras palavras, ele explica de novo, e outra vez sem sucesso. Rapidamente, ele vai considerar o estudante um incapaz. O educador culpa o aluno, mas se sente fracassado também porque a turma não avança. O jovem, por seu lado, pensa que o professor não sabe ensinar. O clima fica tenso e uma coisa sem importância vira estopim para uma agressão verbal ou física. (Bernard Charlot).

"Há duas línguas diferentes sendo faladas na escola: a dos professores e a dos alunos." Para Bernard Charlot, professor de Ciências da Educação da Universidade de Parise da pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, essa tensão existe porque os dois lados desconhecem o prazer do saber. Sem dramatizar os conflitos nem apresentar vítimas e culpados - o que seria muito simplório para uma questão tão profunda -, o pesquisador passou quase 20 anos estudando, principalmente em escolas da periferia da França, a relação que as pessoas estabelecem com o conhecimento. Os jovens gostam de aprender? O que determina o interesse pelos estudos? Seu objetivo principal é descobrir por que alguns adolescentes pobres não avançam na Educação formal, enquanto outros se revelam bem-sucedidos. Grande parte dos trabalhos foi realizada pelo grupo de pesquisa Escol (Educação, Socialização e Coletividades Locais) na Universidade de Paris desde 1987. Um dos pontos de destaque é a semelhança entre os educadores brasileiros e franceses. A hipótese é que existem situações, como as de ensino, que são universais.

 O interesse em pesquisar sobre a construção social da culpa na produção da queixa escolar surgiu a partir de algumas reflexões que vim adquirindo durante minha experiência profissional em secretarias de escolas da rede pública. Cotidianamente presenciei embates entre professores e pais com objetivo de apontar culpados pelo fracasso escolar dos filhos, um apontando erros na metodologia de ensino e o outro culpando pelo não acompanhamento dos filhos nas atividades da escola e em casa, na outra ponta desde novelo está o aluno que nem sempre é interrogado acerca do por que das suas deficiências na aprendizagem. A linha de reflexão foi formulada em volta justamente do aparecimento da queixa escolar, a quem podemos atribuir a culpa pelo fracasso escolar? Devido ao desejo de compreender o que atores ou sujeitos da pesquisa pensam sobre essa questão adaptei o tema tendo como questão norteadora o sentimento de culpa que surge proveniente de uma queixa escolar é fruto de uma construção social? Sendo o objetivo central dessa pesquisa, descobrir a quem pais, professores e alunos atribuem essa culpa, e por que. Para isto, consideramos necessário traçar o perfil (atores), analisar a trajetória escolar dos entrevistados e a dualidade queixa escolar/ saber escolar vivida pelos entrevistados, identificar e analisar as concepções das queixas escolares na fala dos atores pesquisados. Para Rubinstein:

Chama-se sentimento de culpa a tensão entre o severo superego e o ego. Estes mecanismos não ocorrem espontaneamente nem naturalmente. Serão os adultos significativos que estarão pela educação, a qual é uma parte do esforço civilizatório, contribuindo para favorecer o domínio da agressividade. (RUBISTEIN, 2003, pg. 61)

 A culpa é um sentimento que corrói a alma, que mata socialmente, que inibe que estagna o sujeito. No mundo atual vivemos na sociedade das aparências, onde o que importa é o que o outro pensa de nós, onde os problemas que surgem no cotidiano são resolvidos de forma imediata, onde os interesses estão acima das amizades, e diante de tudo isso vão se construindo sujeitos cada vez mais ansiosos e culpados por não conseguir satisfazer todas as exigências imposta a eles no seu cotidiano. Freud explica que:

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles. Contudo, devido não só às discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e as suas ações, como também à diversidade de seus impulsos plenos de desejo, as coisas provavelmente não são tão simples assim. (FREUD, 1929, p.02)

 Neste sentido gostaria de reportar meu olhar para a escola por considerar que é onde o sujeito passa boa parte da sua vida se preparando para exercero seu lugar na sociedade, e por isso é o lugar de mudanças que podem direcionar seu caminho para o sucesso ou para a fatalidade se não forem devidamente preparados e acompanhados em todas as suas angustias e incertezas. Para Rubinstein (2003) [...] “cabe à escola transmitir o conhecimento e o saber, promover o desenvolvimento da mente, bem como da sociabilidade, isto é, o viver em grupo”.

 Para tanto utilizeimétodos de pesquisa primeiramente bibliográfico me baseando em autores que dêemsustentação a pesquisa, e depois pesquisa empírica de cunho qualitativo e quantitativo utilizei instrumento de coleta de dados como diário de campo (para registrar, sistematizar as experiências para posteriormente analisar os resultados a partir das impressões da pesquisadora), questionário (para traçar o perfil dos sujeitos investigados) , entrevistas semi-estruturadas com os pais e professores(para captar os elementos imprescindíveis para compressão dos sentimentos, opiniões sobre o fato) e por fim a escuta das próprias crianças através de entrevistas livres(motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistema de conduta atual e passada ).

 A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Diva Maria Correia, localizada no conjunto Fernando Collor de Melo em Nossa Senhora do Socorro, com alunos do 4º ano do turno da manhã previamente selecionados através de uma atividade (entendida aqui como entrevista de explicitação em que o entrevistador introduz uma atividade (entrevistas presenciais conduzidas informalmente) e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre a proposta). Este método visou explicitar como aconteceram os momentos de aprendizagem, podendo torna-se uma estratégia de intervenção pedagógica. Para entender melhor essa metodologia, segundo Wykrota:

Desde 1988, VERMESCH (2003) desenvolveu um tipo de entrevista para produzir uma verbalização introspectiva detalhada da ação, denominada entrevista de explicitação (entretien d’ explicitation) EDE. Embora tenha se originado como uma prática, atualmente também é uma metodologia, no sentido que está fundamentada teoricamente, é praticada, discutida e aperfeiçoada por uma comunidade internacional de pesquisadores que segue normas e valores da boa prática científica: o GREX, na França O GREX é uma associação (lei 1901) francesa de profissionais e pesquisadores de diferentes regiões da França e de outros paises (EEUU, Inglaterra, Itália, por exemplo) interessados no uso e no desenvolvimento da metodologia da entrevista de explicitação. Existe há 15 anos, tem estatuto próprio e é gerido por um colegiado. (WYKROTA, 2007).

 Seguindo as entrevistas livres (motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistema de conduta atual e passada)que foi aplicada a fim de identificar aqueles que apresentavam alguma queixa escolar, objetivo principal deste estudo é analisar para alunos, professoras e família a produção da queixa escolar; bem como, desmistificar nos discurso dos alunos, professoras e família, as dificuldades no processo de escolarização (queixa escolar) a quem está atribuída à culpa. Perseguindo essa mesma tese desvelar no discurso sobre as queixas escolares da família, dos alunos e da professora, a quem eles atribuem a culpa? E porque?.

 Em posse de meu diário de campo, fiz anotações a partir das conversas informais com a professora da turma procurei entender qual a concepção dela sobre o fracasso escolar destes alunos e também qual o histórico escolar dos mesmos, fiz visitas às famílias com o objetivo de analisar o contextode família que os mesmos estavam inseridos e por fim procurei analisar a concepção dos próprios alunos sobre suas deficiências de aprendizagem. Mesmo que o fracasso escolar não é o meu objetivo nessa monografia, sem fazer uma relação com o fracasso escolar ou o sucesso escolar, busquei distinguir o que na fala dos investigados a definição por eles de “bons” “maus alunos” prestando atenção nas respostas para os sexos femininos e masculinos.

Assim, nossa monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos sobre algumas transformações que ocorreram no mundo da família, escola (professoras e alunos), discutimos sobre os conceitos de escola, família, professores e alunos, aprendizagem, queixas escolar e as condições que são oferecidas e vividas pelas famílias, alunos e professores no campo da educação e na inserção no mercado de trabalho. No segundo capítulo, debatemos do recorte metodológico de nossa pesquisa, traçando um panorama do campo de investigação e dos sujeitos investigados e, por fim, no terceiro capítulo, os entrevistados narram às suas trajetórias escolares, as relações vividas na dualidade queixa escolar/saber escolar e as formações das idéias que esses atores possuem para explicar a tese defendida nesta monografia: Desvelar no discurso sobre as queixas escolares da família, dos alunos e das professoras a quem eles atribuem a culpa? e por quê?.

**CAPÍTULO I**

**CAPÍTULO I: O CONTEXTO EM FOCO**

* 1. - CONCEITOS DE ESCOLA E FAMÍLIA NA ATUALIDADE

A família sofreu muitas modificações ao longo da história da humanidade, mais independente do seu formato sempre vai ser o meio pelo qual o sujeito aprende regras morais e sociais que podem nortear seu futuro. Na atualidade existe uma variedade de formatos de família, existem aquelas que são formadas por pai, mãe e filhos (família nuclear); aquelas que somente são formadas por mãe e filhos ou pai e filhos (a chamada mono parental), família com dois pais e filhos, com duas mães e filhos, ainda aquelas em que os pais não querendo assumir a guarda e a responsabilidade dos filhos os deixam com os avós. Bruschini (1989) fala que:

A literatura que direta ou indiretamente trata do tema da família e que advém de correntes de pensamentos bastantes distintos, nos informa que definir o conceito de família é tarefa complexa, com graves consequências de analisar empiricamente este fato social (BRUSCHINI, p.1).

 A família é a unidade social mais antiga do mundo, mas o fato é que na atualidade até aquelas que têm seu formato nuclear (com pai, mãe e filhos) está no seu interior modificada; o pai deixou de ser considerado o chefe da casa (aquele que detém o poder e não pode ser desrespeitado), passando a repartir suas obrigações com a mulher; esta, por sua vez, ganhou mais autonomia e através do trabalho procura sua independência econômica e com isso está cada vez mais se distanciando daquele papel de rainha do lar.Muitas mulhereshoje exercem o papel de chefe de família (durante a pesquisa estive com famílias onde a mãe é a responsável pelo sustento dos filhos, ou porque é separada e o pai não ajuda, ou porque convive com marido mais enfrenta problema de doença na família. As crianças ficam grande parte do tempo com parentes próximos ou nas ruas).

 Hoje os pais estão mais preocupados no sustento do lar, e por isso tornam-se obrigados há passar o dia inteiro longe dos seus filhos e ausentes na criação dos mesmos, ficando essa responsabilidade a cargo de outros (daqueles que irão cuidar da criança) ou até da própria escola.

 A Constituição Brasileira de 1988, art. 226 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Art. 2º definem que: “A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”, a família é o primeiro contato da criança com a sociedade e é através dela que se estabelecem os primeiros sentidos de educação, onde o individuo aprende através da sua cultura como viver em sociedade e quais são seus valores. A escola é a sua extensão, mas será que ela por sua vez não está preparada para receber uma demanda tão grande de alunos em situações difíceis como a que citei acima? O discurso é que a educação começa em casa, mas como acontece isso se os pais estão tão ausentes hoje em dia, não porque queiram, mas porque se encontram numa situação onde são obrigados a garantir o sustento dos filhos?Polato nos diz que:

Pais esperam ações dos professores e esses dizem não caber a eles tais tarefas. Professores, por sua vez, depositam nos pais expectativas que eles não têm condições - ou não sabem como - cumprir. No meio disso, estão os alunos, que, diante do fracasso escolar, transferem o ônus ao professor. Esse jogo de empurra gera uma série de equívocos e mitos sobre o relacionamento entre a família e a escola, prejudicando o estudante, que deveria ser a prioridade de todos. (POLATO, 2011)

 Claro que não estou afirmando que a escola deva educar o aluno no lugar dos pais, mais estou apenas levantando um questionamento sobre as atuais condições das famílias (principalmente daquelas mais pobres e consequentemente aquelas que mais precisam da escola) e que por isso cobram dela; nem também estou eximindo a responsabilidades dos pais na educação dos seus filhos. É apenas um questionamento. Sobre a família e a escola Rubinstein pontua que:

Embora as condições materiais não determinem a possibilidade de amar os filhos, elas podem comprometê-la. Pais extremamente pré-ocupados com a sobrevivência material estão menos disponíveis para o acolhimento e para olhar os progressos das crianças na escola, reconhecer seus esforços, valorizá-los. Nessas famílias, não é raro também o desajuste emocional de um ou ambos os progenitores, o que certamente influi na relação com os filhos e alunos. (RUBINSTEIN,ANOp.99)

 Não podemos pensar a escola independente da sociedade, ela está inserida dentro dela e todos os seus problemas sociais são refletidos também dentro do ambiente escolar, “No mundo da pós-modernidade houve com o esvaziamento dos valores e da tradição, o esvaziamento da família e da organização social propiciada pela convivência entre as pessoas” (RUBINSTEIN, 2003) diariamente a escola recebe alunos das mais diferentes camadas sociais e tem que lidar com diferentes culturas e maneiras de se relacionar com os outros, hoje os alunos estão mais críticos e agitados, não aceitam mais a autoridade do professor, os valores foram modificados. No mundo do imediatismo eles só querem conhecer e saber sobre o que vai ser importante para a sua sobrevivência, aquilo que possa responder de imediato as suas necessidades. Rubinstein ainda pontua que:

[...] nossos alunos dissonantes estão mergulhados num discurso social onde o trabalho, o esforço, e o tempo estão regidos por um gênero de vida marcado pelo imediatismo: time ismoney. A lei é a do esforço mínimo. As regras são mais difíceis de serem cumpridas numa sociedade onde cada vez mais os adultos solicitam participação da criança em decisões, para a qual ela ainda não tem competência. A etimologia da palavra infância tem como origem o sentido de “aquele que não tem voz”, “aquele a quem não se escuta”. Hoje, nossa criança e aluno, além de terem muita voz em decisões, também apresentam mais dificuldade para se curvar diante das normas impostas pelo grupo social. (RUBINSTEIN, 2003)

1.2 - APRENDIZAGENS, FRACASSO ESCOLAR, QUEIXAS ESCOLARES

Para Bernard Charlot:

Só pode aprender quem desenvolve uma atividade intelectual para isso e, portanto ninguém pode aprender em vez do outro. Quando o aluno não entende as explicações, a professora tem vontade de poder entrar no seu cérebro para fazer o trabalho. Mas não pode: por mais semelhantes que sejam os seres humanos, são também singulares e, logo, diferentes. (CHARLOT. p.107)

 Charlot diz que só há aprendizagem se houver vontade de buscar o conhecimento, o professor não pode fazer isso pelo aluno, não há metodologia que dê certo se o mesmo não manifestar o desejo de aprender. Edith Rubinstein reforçaessa abordagemdizendoque“Para aprender. O desejo e a pulsão de saber mobilizam o sujeito da aprendizagem”. Tem que haver mobilização, o desejo, à vontade, o professor não faz mágica, ele transmite seus conhecimento, é o mediador.

 No quadro atual das escolas, o professor convive com diferentes tipos de aluno, cada um carrega consigo uma história que envolve aprendizagens, frustrações, alegrias, angústias; vem de diferentes ambientes culturais e de classes economicamente diferentes, uns acreditam que a escola realmente seja uma porta de entrada para a vivência em sociedade e um caminho que vai conduzi-los a ter sucesso na vida profissional, e outros não conseguem entender o sentido de estarem na escola que não seja apenas por obrigação dos pais.

 É na escola que o sujeito se ressignifica, se reconstrói, cria novos sentidos, novas habilidades, novas competências, novas atitudes, adquire conhecimentos, aprende a ser crítico e a não aceitar tudo que lhe é imposto, é na escola que o aluno aprende a aprender sistematizando as suas idéias. É através da capacidade de processar e organizar as informações que recebem do ambiente escolar que o aluno aprende, e essa aprendizagem depende primeiramente da sua vontade, depois da vontade do professor e das condições do contexto escolar em que ele está inserido. “Aprender é um ato consciente. Seres humanos são como conchinhas que só abrem para a luz do sol do saber se movidos, ou pela necessidade, ou pelo desejo (FIALHO e FIALHO, 2012)” e cada vez mais os professores têm que lançar mão de mecanismos que impulsionem o aluno para buscar o conhecimento; e quando isso não acontece os mesmos sentem-se desolados. Charlot pontua que:

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão. (CHARLOT, p.16)

 Como diz o próprio Charlot são alunos em situação de fracasso, o que não configura exatamente fracasso do professor, mas é responsabilidade do mesmo conhecer seu aluno e saber como e quando trabalhar com ele, dado a diversidade de histórias que encontramos em sala de aula.

 Como disse a escola colabora no desenvolvimento do pensamento crítico e permite o acesso ao conhecimento; o ensino atua sobre a formação da personalidade, atua também sobre aquilo que imaginamos, sobre as nossas vivencias , dando condições de construirmos nossos próprios conceitos.

 E assim parafraseando Edith Rubinstein, não devemos apenas cuidar das flores ou frutos, nosso cuidado tem que ser com toda a floresta, só assim poderemos entender e ajudar nossos alunos.

CAPÍTULO II

**CARACTERIZANDO O CAMPO DE PESQUISA**

2.1 – A ESCOLA.

 Nossa pesquisa foi feita com alunos, professores e pais da Escola Municipal Diva Maria Corrêa, situada na avenida auxiliar II, nº 205 no conjunto Fernando Collor de Melo em Nossa Senhora do Socorro. Esta unidade de ensino foi criada pelo decreto nº 504/2001 de 23 de março de 2001 sob o CNPJ 05.754.389/0001-84; criada e mantida pelo governo municipal a escola provêm às seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Para funcionamento destas modalidades de ensino, a escola dispõe de dois prédios; o primeiro a ser adquirido foi um imóvel alugado pela prefeitura onde funciona o ensino fundamental (matutino e vespertino) e o EJA no turno noturno; contemuma secretaria, oito salas de aula, um depósito de merenda escola, um depósito de materiais escolares, uma cozinha, uma sala de informática, três banheiros e um pátio aberto. Como podemos verificar nas descrições a escola não dispõe de sala de professores, direção e nem biblioteca, todas as funções destas salas são desenvolvidas na sala de informática.

 No segundo prédio (um anexo da escola que chamam carinhosamente de DIVINHA) funciona a educação infantil, neste prédio os alunos, funcionários e professoras dispõem de uma cozinha, dois banheiros, três salas de aula, um pequeno depósito para guardar alguns materiais para as crianças e um pátio. Atualmente este anexo está passando por reformas com fins de incluir mais alguns banheiros e salas de aula, e uma dessas salas será reservada exclusivamente para o atendimento especial (atualmente são poucas escolas no município que dispõe de salas de AEE, inclusive alunos da própria escola tem que se deslocar até o conjunto João Alves Filho para receber este tipo de atendimento)



Imagem 02 – Prédio principal da escola Fonte: imagens da pesquisadora

Imagem 01 – Fachada do DIVINHA Fonte: [www.ansocorro.gov.br](http://www.ansocorro.gov.br)

 A equipe de professores da escola é formada por quatro professores que trabalham com alunos na educação infantil, nove professores na educação básica ensino fundamental e nove professores no EJA. Essa quantidade de professores não é suficiente para suprir a demanda da escola, por isso constantemente são enviados a escola estagiários que acaba exercendo a função de professor (Deixo claro que os estagiários que estão nas salas de aula são orientados pela coordenadora pedagógica da escola), mas planejam aula, executam e são responsáveis pelos resultados dos alunos. Além dos professores a escola dispõe de alguns profissionais de apoio entre eles os serviços básicos que também desenvolvem a função de merendeira, três porteiros, e os tutores do Mais Educação (um programa que funciona no prédio do ensino fundamental). Também existe uma quadra de esportes recentemente construída fora do ambiente da escola (na praça do conjunto e é aberta a comunidade), o que a meu ver criou uma série de problemas para o desenvolvimento das atividades devido a ter que deslocar as crianças (sem pessoal de apoio suficiente) todas as vezes que as aulas de educação física acontecem lá.



Imagem nº 04 – Parquinho anexo a quadra Fonte: [www.ansocorro.gov.br](http://www.ansocorro.gov.br)

Imagem nº 03 – Quadra do Diva Fonte: [www.ansocorro.gov.br](http://www.ansocorro.gov.br)

Os horários de funcionamento da escola são: no turno matutino das 7hs às 11hs, no turno vespertino das 13hs às 17hs, e no turno noturno das 19hs as 21 e 30hs. Somente o programa Mais Educação tem um horário diferenciado, o aluno entra às 8hs, almoça na escola e sai às 15hs, nesse intermédio desenvolve várias atividades em oficinas de aprendizagem, esportes, teatro e educação patrimonial.

 Quanto ao material didático a escola dispõe de um acervo de jogos educativos, alguns materiais didáticos como papéis, Lápis de cor, cadernos e lápis grafite; conta ainda com aparelhos de TV e DVD, Data Show, 14 computadores da sala de informática, alguns materiais de educação física e material fornecido pelo pacto (Programa Nacional pela alfabetização na Idade Certa) entre eles alguns livros paradidáticos e jogos educativos.

**2.2 - OS PROFESSORES.**

 O contato inicial com os professores participantes da pesquisa foi através de uma conversa informal feita individualmente para explicar qual o principal objetivo da pesquisa e indicar a importância dentro do universo escolar, optei pela escolha de cinco (05) professores que trabalhavam no mesmo turno que eu, por que já os conhecia e tinha a certeza de qual era a concepção deles de escola e de toda a dinâmica importante para que seu funcionamento ocorra adequadamente e o mais importante produza resultados satisfatórios nos alunos.

 Preferi não citar nomes denominando-os apenas PROFESSORES, porque não me cabe suscitar nenhuma crítica ou elogio ao trabalho deles e sim entender a quem eles atribuem a culpa pelo fracasso do aluno e por que. Sendo assim busquei professores de turmas diferentes. Uma delas é professora daturma onde os alunos foram pesquisados (4º ano) pra mim foi primordial saber qual a concepção dela sobre o aprendizado dos alunos e qual o nível de aproximação da mesma com a família deles, outra é professora do 5º ano A, muito admirada pelos alunos e bastante participativa nas atividades da escola, outra é professora do 3º ano (série que fecha o ciclo de alfabetização), outra é professora do 5º ano B (sala onde está a maioria dos repetentes desta série), e um professor de educação física, mas que já esteve no cargo de diretor da própria escola. Quatro desses professores são efetivos e com dois vínculos (município e estado) e uma é estagiária que trabalha a dois anos na escola; dois deles trabalha na rede a mais de 20 anos e os outros dois há pouco tempo, exceção é somente da estagiária que como a maioria dos estagiários só pode estar na rede durante dois anos incompletos de estágio.

**2.3 – OS ALUNOS E A FAMÍLIA.**

 A Escola oferece apenas o ensino fundamental menor nos dois horários, e minha pesquisa (no meu entender) deveria ser com crianças que já tivesse uma concepção do que é educação e soubesse expressar suas angustias como também seus sonhos; então fiz uma análise na secretaria da escola das idades dos alunos que faziam parte do 4º ano A, e percebi que a faixa etária deles estava entre nove e quatorze anos, idades que com certeza iria responder com sucesso as perguntas propostas através do questionário como também das entrevistas de explicitação.

 Foram 12 alunos em pré-adolescência, que procurei identificar na presente pesquisa pelas letras o alfabeto descrito da seguinte forma: aluno A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L. Notei que a maioria destes alunos (não só os escolhidos para a pesquisa) se encontra em situação de extrema pobreza, e muitos deles são oriundos de um abrigo do próprio bairro (crianças e adolescentes com histórico familiar de envolvimento com drogas e até roubos), crianças e adolescentes com comportamentos muito diferenciados, alguns muito agressivos, outros muito amáveis, mas todos sem sombra de dúvidas com uma carência afetiva muito grande.

 Comoindicadoa maioria deles estão em situação de extrema pobreza, mas alguns dos que fizeram parte da pesquisa são oriundos de famílias com alguma condição digna de sobrevivência (fato muito importante para estabelecer diferença entre as opiniões dadas e avaliadas), as maiorias das famílias moram em lugares de difícil acesso; muita desses alunos são filhos (as) de pais separados e tem a mãe como chefe de família, muitas vezes precisando passar o dia todo fora de casa para prover o sustento da família.

**DESENVOLVENDO O MÉTODO**

Nos trabalhos de campo optei por dois tipos de pesquisa, as de cunho qualitativo e quantitativo, segundo Moresi (2003):

- Pesquisa Quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significatraduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

- Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundoreal e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MORESI, p.8)

 A primeira para quantificar os resultados obtidos através das entrevistas a fim de entender as concepções de culpa que possa surgir durante as falas dos entrevistados, e a segunda para entender o cotidiano dos atores que fazem parte da escola e saber de modo objetivo se os mesmos têm noção do que é realmente o sentimento de culpa, porque e a quem eles atribuem à culpa quando surgem as queixas escolares.

 Para colocar em prática a pesquisa primeiramente entrei em contato com a equipe diretiva da mesma para expor os objetivos centrais deste trabalho e indicar como o resultado dele iria beneficiar os profissionais da educação no entendimento dos discursos apresentados pelos atores sociais sobre a culpa na produção da queixa escolar. Como estava estagiando na escola não encontrei barreiras para o desenrolar das atividades dentro da ambiente escolar ; todos da equipe se colocaram a disposição para ajudar no que fosse preciso e assim o fizeram.

 Para inicio dos trabalhos de campo, optei por aplicar uma pequena atividade de ortografia que trabalhava com os diversos sons do X, com todos os alunos do 4º ano com fins de verificar (sem antes falar com a professora sobre as dificuldades das crianças) o nível de aprendizagem dos alunos. Na correção destas atividades separei doze 12 alunos que estavam em diferentes níveis, inicialmente eram seis meninos e seis meninas, mais como dois dos meninos escolhidos não quiseram participar da pesquisa eu coloquei duas meninas que se mostraram interessadas em participar (convêm dizer que a sala do quarto ano tem o número de meninos inferior ao de meninas). As entrevistas se iniciaram uma semana depois da aplicação da atividade, e a entrevista com todos os alunos durou mais uma semana, tinha em minhas mãos o questionário de orientação para a entrevista de explicitação e à medida que eles iam falando eu procurava captar nas expressões dos mesmos as angustias quando falavam sobre sua aprendizagem e pude notar que muito deles (os que apresentavam nível de dificuldade de aprendizagem maior) sentiam uma vergonha imensa quando eu percebia que eles ainda não sabiam ler, e eram os mais nervosos durante a entrevista. Alguns faziam questão de estar com os colegas na entrevista, mas outros não queriam ninguém por perto (por isso tive que fazer essas entrevistas em uma sala separada da escola, e era sempre aquela que não tinha aula no dia), então em uma semana consegui concluir os trabalhos com os alunos.

 No intermédio das entrevistas com os alunos, conversei informalmente com alguns professores registrando suas idéias e concepções em meu diário de campo (um importante instrumento que permite sistematizar as experiências para depois analisar os dados) e que para mim foi de fundamental importância, distribui entre eles um questionário para que respondessem em casa ou a sua livre escolha para me entregar posteriormente. Também não tive muitos problemas com a pesquisa entre os professores.

 Na terceira parte da pesquisa (o trabalho com as famílias) as dificuldades foram maiores. Com os endereços fornecidos pela escola em mãosfui à busca das famílias, tanto para as entrevistas quanto para que eles lessem e assinassem o termo de consentimento para que pudesse ser utilizado às respostas dadas pelos seus filhos.No primeiro dia dessa busca sai de casa em casa pretendendo visitar três famílias, destas, apenas conseguir encontrar a casa de um deles, pois o local era de difícil acesso, e muito distantes, neste dia andei muito. Esse fato aconteceu nos dias que se seguiram, pois algumas destas famílias moram em lugares muito difíceis, sem contar que as pessoas moradoras da localidade não davam referencias verdadeiras, outras nem sabiam aonde era localizado as casas (apesar de serem moradores do local).

 Em algumas casas que visitei nos dias que se seguiram pude notar bem que a maioria das famílias tem a mãe como principal provedora deles, e que por conta disso algumas passam a maioria do dia longe dos seus filhos, ficando os mesmos sobre a guarda de parentes próximos ou amigos; muitas dessas crianças sofrem com problemas de pais bêbados ou drogados que acabam deixando elas a mercê do seu próprio destino, sem impor regras aos mesmos. Em outras casas notei que os pais se esforçavam muito para dar uma vida digna para seus filhos, um ambiente tranqüilo e acolhedor e também se esforçavam para que seus filhos os vejam como exemplo a ser seguido.

 No próximo capítulo veremos os resultados destas visitas e quais foram às visões de todos os atores que participaram deste trabalho. Decidi fazer as análises destas respostas através de blocos temáticos incluindo primeiramente as respostas dos questionários, onde determinei cada questão como Q1, Q2, Q3 a assim sucessivamente de acordo com a quantidade de cada questionário, e depois analisando em blocos e de acordo com as respostasde cada questionário e também das queixas apresentadas em cada um deles.

**CAPÍTULO III**

**A CULPA NUM ESTUDO DE UM RECORTE ESPECÍFICO SOBRE AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS: ANALISE DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS, PROFESSORAS E FAMÍLIA SOBRE A PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR.**

**3.1 – As angústias das professoras remetem a idéia de culpa produzida por si mesmo, bases de analises a partir de Freud.**

Durante conversasque tive com os professores, alguns afirmaram que durante um bom temposentiram-se culpados pelo fracasso escolar dos seusalunos (alguns ainda hoje se sentem culpados), afirmaram que suas angústias eram tantas e que não entendiam o porquê seus alunos fracassavam apesar dos esforços dos mesmos para realizar determinadas atividades. Sentiam-se até incapazes, angustiados colocando a culpa em cima de suas cabeças e como resultado disso acabavam inseguros diante de qual metodologia aplicar, qual seria a correta?Para explicar esse sentimento Freud (1929) nos diz que:

 Quanto à origem do sentimento de culpa, as opiniões do analista diferem das dos outros psicólogos, embora também ele não ache fácil descrevê-lo. Inicialmente, se perguntarmos como uma pessoa vem a ter sentimento de culpa, chegaremos a uma resposta indiscutível: uma pessoa sente-se culpada (os devotos diriam ‘pecadora’) quando fez algo que sabe ser ‘mau’. Reparamos, porém, em quão pouco essa resposta nos diz. Talvez, após certa hesitação, acrescentemos que, mesmo quando a pessoa não fez realmente uma coisa má, mas apenas identificou em si uma intenção de fazê-la, ela pode encarar-se como culpada. (FREUD p.36)

 O autor nos fala que a idéia de culpa nasce na religiosidade, à pessoa sente-se culpada quando reconhece ter feito algo que diz ser mau, ou quando ela não fez mais identificou em si a intenção de fazê-la e acaba encarando-se por culpado, ou também pelo medo de perder o amor de alguém que seja referencial; o que ele chama de angústia social. Creio ser esse sentimento que durante algum tempo os professores semearam dentro de si mesmos, resultado talvez dos ensinamentos transmitidos pelos familiares ou até mesmo pelos seus própriosprofessores vividos em tempo que os mestres eram tidos como detentores do saber, uma herança transmitida pelas gerações passadas. Um exemplo disso é quando o professor verifica que seu aluno não se empenhou o suficiente para realizar determinada atividade e acaba punindo o mesmo através das notas mesmo sabendo que talvez em outra ocasião ele respondesse aos seus ensinamentos de maneira mais eficaz, no momento ele acha ter feito a coisa certa, mas com o passar do tempo acaba se conscientizando que deveria ter dado uma chance para que ele recuperasse a nota e ai acaba se instaurando o sentimento de culpa. Freud (1929) diz que se tudo corre bem não há problema a ser enfrentado, mas quando o sujeito fracassa diante de algum desafio ele passa a sentir culpado.E ainda reforça dizendo que:

[...] Enquanto tudo corre bem com um homem, a sua consciência é lenitiva e permite que o ego faça todo tipo de coisas; entretanto, quando o infortúnio lhe sobrevém, ele busca sua alma, reconhece sua pecaminosidade, eleva as exigências de sua consciência, impõe-se abstinência e se castiga com penitências. (FREUD p.39)

 Ou seja, é diante do enfrentamento das dificuldades do dia a dia escolar que o professor vai se estruturar para ser capaz de decidir sem se punir inconsciente ou conscientemente.

Uma das professoras entrevistadas me disse: *“eu me sentia muito culpada quando não conseguia que meu aluno aprendesse, mas hoje em dia diante do quadro que vejo não me sinto mais, os alunos não tem interesse em estudar e os pais não cobram mais deles, porque eu vou me preocupar?* Então como vemos, com o passar dos anos e diante de tantos desafiosenfrentadosno do cotidiano escolara maioria dos professores adotaram outro tipo de comportamento diante das queixas escolares, sabem que o fracasso escolar é um problema a ser enfrentado por todas as pessoas que estão envolvidas diretamente com o aluno que apresentou alguma queixa, e por isso tiram de suas costas a culpa e com ela também a responsabilidade pelo fracasso escolar deste aluno.

**3.2 – A Influência familiar remete a idéia da culpa construída pelo outro, bases de analise Bernard Charlot e Edith Rubisntein.**

 Em todas as falas esteve fortemente presente a idéia dainfluência familiar sobre o aluno, ou seja, o aluno é na escola aquilo que a família construiu sobre sua personalidade, aquilo que ensinou os lugares onde o levou; tudo isso pode ser determinante no seu desenvolvimento social e cognitivo; então se a família tem deficiências sócio-culturaise econômicas certamente o aluno não corresponderá a perspectivas do professor; Em sua fala sob as universais da situação de ensino Charlot (2007) pontua que?

A humanidade (ou a “humanitude”), isto é, o que constitui o ser humano no que ele tem de específico, não é uma natureza que cada indivíduo traria em si no nascimento, é o que é produzido pela espécie humana ao longo de sua história. (CHARLOT, p.76).

 O indivíduo não nasce humanizado, ele torna-se humano através das relações sociais que desenvolve durante seu processo de vida, e através da apropriação de uma parte do patrimônio humano (educação) “cada um se educa por um movimento interno, o que só pode ser feito porque ele encontra um mundo humano já aí, que o educa” (Charlot, 2007) e essa educação acontece desde o momento do seu nascimento, ”as pessoas a quem a criança se apega nos primeiros anos de vida têm papel fundamental e fundante na constituição psíquica” (Rubinstein, 2003) e ela nela que se espelha para seguir adiante.

 Dentro do ambiente familiar a criança da os primeiros passos em busca do seu desenvolvimento social e intelectual,“Num primeiro momento é o adulto quem decifra as necessidades de objeto do bebê, aos poucos pela atividade simbólica a criança irá libertando-se do adulto decifrador” (Rubinstein 2003) então ela mesma construirá suas próprias significações.

 É importante considerar a influência da família para o processo de escolarização, porque no desejo de agradar aquele adulto que lhe é significativo, a criança pode se desesperar diante de uma situação de fracasso escolar. Os pais depositam nos filhos expectativas daquilo que eles gostariam ter sido, e os filhos se angustiam com possibilidade de não corresponder a essas expectativas. Sobre a família Rubinstein fala que:

A vida familiar tem se modificado pelos tempos. Ela está mais volátil diante dos valores da cultura externa. Por diversos fatores, o ambiente familiar não tem favorecido o contato com os adultos significativos por meio de conversas, troca de experiência apresentação de valores, construção de identidades. (RUBINSTEIN, p.96)

 Não se tem mais tempo para nada, a dinâmica incessante da sociedade força aos pais se manterem longe dos filhos, perdendo partes importantes do seu crescimento.

**3.3 – O reconhecimento da culpa na alteridade para alunos, professoras e família, remete a idéia de que a forma de enxergar o mundo e o outro são geradores de conflitos, porque faz nascer à discriminação, o preconceito, os estigmas, o ódio.**

O Prof. João Luiz Muzinatti em um artigo publicado na revista Direcional Escolas fala que:

[...] conhecimento e busca de realização pessoal estão intimamente ligados. Simbioticamente. O problema em nosso mundo, talvez é a sobrevivência imediata, - aquela que coloca o outro na linha de tiro para que possamos ser poupados – seja o que vale de fato. Saber é sobreviver agora. Não existe futuro. A vida é o que viaja até o próximo susto. E que fica combinado: A culpa é toda do outro! (MUZZINATTI,2014)

 Outro ponto ao qual devemos sempre estar atentos é queo tempo todo estamos preocupados que as nossas decisões sejam avaliadas e quando recebemos uma resposta negativa a primeira resposta é culpar o outro.Como Freud nos explica a culpa é decorrente do pecado e existe em nossa cultura, por isso estamos sempre nos justificando pelos nossos atos, mas o cuidado que devemos ter em relação a essas atitudes é que devemos abandonar a prática de atribuir sempre ao outro a culpa pelas nossas responsabilidades, porque corremos o risco sim de estar ensinando aos nossos alunos que eles nunca vão ser culpados pelos seus atos, a culpa será da escola, da família, da sociedade, menos dele, ai sim estaremos colaborando para que dentro do ambiente escolar se estabeleça o conflito, o preconceito, o ódio e tantos outros sentimentos derivados da culpa. Rubinstein (2003) nos fala que:

Os depressivos de hoje e os panicados são aqueles que fracassaram frente ao que de deveria ser para ser reconhecido e ter sucesso social. A subjetividade esvazia-se na sociedade da performance, que é atravessada pelo olhar do outro. O mais importante é o que você mostra o que é o que parece ser. Inventa-se uma personagem que se quer, como nas conversas pela internet. Também na escola se é uma personagem. (RUBINSTEIN, p.60)

Cria-se o personagem para se proteger; presenciei várias vezes alunos que não sabiam ler e faziam questão de afirmar na frente dos colegas que não tinham nenhuma dificuldade com leituras, mas nunca liam na frente deles para não correrem o risco de serem descobertos e também para que seus amigos da classe não zombassem dele. Certa feita observando uma das salas nesses momentos de leitura pude constatar o quanto os alunos com dificuldades de aprendizagem sofrem preconceitos pelos colegas, palavras como *“Que burrice, deste tamanho e ainda não sabe ler é melhor voltar pro prézinho* (nome dado ao anexo de educação infantil da escola) .

A maneira como enxergamos o outro define nosso próprio eu, mas cabe a nós decidirmos o que devemos extrair dessa situação, se enxergamos que seus erros nunca serão os nossos estaremos caminhando para um futuro sem compromisso com os nossos atos muito menos com a educação, mas se reconhecermosnos outros virtudes que também poderão ser nossas ai sim, estaremos nos assumindo como responsáveis (não culpados) em partes pelo quadro que hoje se desenha dentro da escola.

**3.4Bloco Temático I – Queixas das professoras sobre os alunos, família, escola e sistema de governo: entrevista acerca da aprendizagem e acompanhamento dos alunos.**

Q1 – Na sua concepção, o que é queixa escolar? Nº de Part. 05

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Baixo rendimento/falta de interesse dos alunos/dificuldades na aprendizagem/falta de acompanhamento dos pais/indisciplina. | 1 – Baixo rendimento escolar e falta de interesse dos alunos. | 80% |
| 2 – Indisciplina | 40% |
| 3 – Falta de acompanhamento familiar. | 20% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 A partir das respostas contidas nesta tabela, podemos observar que 80% dos professores entrevistados têm como concepção de queixa escolar o baixo rendimento do aluno e a falta de interesse dos mesmos nas aulas; 40% apontam a indisciplina como fator que desencadeia a queixa escolar e 20% aponta a falta de acompanhamento escolar como principal gerador das queixas.

Q2 – Quais os motivos das dificuldades de aprendizagem dos alunos?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Falta de estrutura da escola/Falta de motivação/Falta de incentivo familiar/Deficiências.  | 1 – Falta de motivação e interesse dos alunos. | 60% |
| 2 – Falta de uma estrutura familiar e acompanhamento dos pais na escola e em casa. | 60% |
| 3 – Deficiência intelectual, física ou mental. | 40% |
| 4 – Falta de estrutura da escola. | 20% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 Percebemos nos resultados dessa segunda pergunta que os professores atribuem à falta de motivação e interesse do aluno (60%) e a falta de uma estrutura familiar e também o acompanhamento dos pais (60%) como principais causas das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Outras causas também foram apontadas, como as deficiências intelectuais, físicas ou mentais (40%), notamos que nessa pergunta a estrutura escolar foi a menos citada como motivo das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos.

Q3 – Qual o seu nível de diálogo com a família? Sempre está em contato?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Procuro sempre estar em contato/ Não procuro, espero que eles venham à escola. | 1 – Tenho diálogo sempre que os pais comparecem a escola. | 60% |
| 2 – Procuro sempre está em contato com a família. | 40% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 Perguntado aos professores sobre o nível de diálogo deles com a família, podemos verificar que alguns dos professores (60%) só mantêm contato com os familiares se estes procurarem a escola, os outros (40%) garantem que sempre mantêm sempre contato com os familiares ou responsáveis pelas crianças.

Q4 –Fale-me um pouco sobre as suas condições de trabalho.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A - Estruturas das salas de aula não favorecem/falta de recursos materiais/Péssima condições salariais/ Ambiente favorável para desenvolver as atividades com os alunos. | 1 – Estrutura física da escola é precária; salas de aula muito pequenas. | 100% |
| 2 – Falta de materiais didáticos para os professores trabalharem. | 40% |
| 3 – Ambiente escolar com muito barulho. | 40% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 Falando sobre as condições de trabalho, os resultadosapresentados nesta tabela apontam 100% de precariedade na estrutura física da escola, isto inclui salas de aula muito pequenas, sem ventilação; condições que não facilitam segundo os professores a aprendizagem dos alunos. Outros fatos foram à falta de materiais didáticos e paradidáticos para os professores trabalharem (40%) e um ambiente escolar com muito barulho (40%) [[1]](#footnote-1)\*.

Q5 – Você sente alguma culpa quando os alunos não aprendem? Explique-me.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim, por não conseguir que o aluno aprenda/ Não, a culpa é da família/Não, a culpa é do aluno/Não a culpa é do sistema. | 1 – Sinto frustração por não conseguir que o aluno aprenda. | 20% |
| 2 –Não, o culpado é o sistema que não cobra dos pais. | 20% |
| 3 – Não, pois procuro fazer tudo para que a aprendizagem ocorra. | 40% |
| 4 – Já senti, hoje não sinto mais porque a educação está se tornando cada vez mais precária. | 20% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 De acordo com as respostas apresentadas nesta tabela, verificamos que 40% dos professores entrevistados dizem não sentir culpa quando os alunos não aprendem, e que procuram fazer tudo para que essa aprendizagem ocorra de modo satisfatório, 20% das respostas indicam frustração por não conseguir e 20% acreditam que o sistema é culpado por não cobrar dos pais a responsabilidade sobre seus filhos.

Q6 – Você acha que a culpa dos alunos não aprenderem é da família?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim, a culpa é da família/Não é o próprio aluno que está desmotivado. | 1 – Em partes sim, a culpa é da família, outras vezes o próprio aluno não têm interesse. | 40% |
| 2 – Sim, a culpa é da família. | 60% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 Questionados acerca da culpa da família sobre a aprendizagem dos alunos, verificamos que 60% dos professores entrevistados culpam a família por não acompanharem e cobrarem dos filhos a responsabilidade com as atividades da escola, mais 40% dizem que parte dessa culpa eles também atribuem ao professor por talvez não desenvolver métodos adequados que facilitem o entendimento dos alunos.

Q7 – Você acha que o fato dos alunos não aprender nasce de um preconceito, estigma ou descriminação? Explique-me.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Não, o problema vem exclusivamente do núcleo familiar./ Sim, os problemas sociais e qualquer tipo de discriminação interfere na aprendizagem dos alunos. | 1 – Sim, a não aprendizagem é decorrente de todos esses fatores, inclusive a pobreza. | 40% |
| 2 – Não, este problema está totalmente ligado a falta de compromisso da família. | 60% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 De acordo com as respostas desta tabela observamos que 60% dos professores indicam que o preconceito, o estigma proveniente às vezes da família (pais que fracassaram na escola consequentemente verão seus filhos fracassarem) e a discriminação não interferemna aprendizagem, mais 40% acreditam que além desses tipos de problema sociais a pobreza é um importante fator que interfere na aprendizagem.

Q8 – Você acha que os alunos são responsáveis pelo fracasso escolar ou o seu sucesso?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim acho/ Não, a culpa é da família. | 1 – Não, culpo a família. | 20% |
| 2 – Sim, os alunos são responsáveis pelo seu sucesso ou seu fracasso, | 60% |
| 3 – Um pouco, pois os alunos já têm noção da importância da educação. | 20% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 Observando esta tabela notamos que 60% dos entrevistados indicam os alunos como responsáveis pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso escolar, outros 20% afirmam que um pouco, por considerar que as crianças de hoje já tem noção da importância da educação para seu futuro, já outros 20% não consideram os alunos responsáveis mais sim a família.

Q9 – Os pais dos alunos são os primeiros responsáveis pelo fracasso dos seus filhos? Ou é o professor?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim, são os pais responsáveis pelo fracasso escolar dos seus filhos/ Não, são de ambas as partes. | 1 – Sim, o primeiro estímulo deve vim da família. | 80% |
| 2 – Em partes, o professor também é culpado. | 20% |

Fonte: dados coletados a partir dos questionários Cibele C. Dantas

 De acordo com os dados da tabela Q9, podemos ver que 80% dos professores são unânimes em indicar a família como a única culpada pela queixa escolar dos alunos, e fazem a consideração que o primeiro estímulo do aluno deve vim do seio familiar; outros 20% dizem que o professor também tem uma parcela dessa culpa.

**3.4.1 – Queixa das professoras sobre os alunos.**

Buscando entender porque os professores também atribuíram ao aluno a culpa pelo seu próprio fracasso escolar, fiz indagações em conversas informais com os entrevistados sobre o porquê de apontar também o aluno como um dos culpados, e uma das razões mais claras que eles me deram foi que apesar de serem crianças e em sua grande parte também adolescente; eles já têm uma consciência da importância da educação para a sua vida, e que devem ter a responsabilidade sobre as atividades que são passadas para eles cotidianamente na escola.

 Eles apontam alunos preguiçosos, desestimulados, que só vem à escola para perturbar os próprios colegas e os professores, crianças mal educadas que por mais que tente conversar não conseguem êxito. Parecem a meu ver que eles têm pelo olhar do professor uma herança familiar maldita, ou seja, porque os pais são analfabetos (uma suposição) eles também vão ser; não tem jeito.

 Certa vez conversando com uma das professoras sobre alguns alunos que fazem parte de uma mesmo família (são irmãos) onde a maioria deles tem dificuldades para aprender, recebi a seguinte resposta *“Você já conhece a mãe deles? Não? , quando você a vê vai compreender que não tem jeito, ali só Deus”.* Parece até que as crianças já internalizaram isso, porque muito desses professores não conseguem esconder para as próprias crianças que elas carregam este estigma.

 Além disso, também apontam que não conseguem dar aula porque os alunos são insubordinados, falam auto, é uma bagunça total em sala que eles não conseguem organizar, com isso acaba gerando a falta de atenção nos conteúdos passados. Sobre isso Rubinstein nos fala que:

Os professores são herdeiros dos pais, pois são eles que continuam a mostrar valores e ideais. Assim como os pais, representantes da lei estão enfraquecidos, o mesmo ocorre hoje na escola, quando os alunos não respeitam a autoridade do professor, o qual fica por isso mesmo, desautorizado como transmissor do saber. (RUBINSTEIN, p.94)

 É um reflexo do que está acontecendo na família, com a própria autora nos diz “a vida familiar está se modificando pelos tempos. Ela está mais volátil diante dos valores da cultura” (RUBISNTEIN, 2003). Então, na escola os alunos acabam refletindo toda essa mudança.

**3.4.2 – Queixa das professoras sobre as famílias.**

A família, no entender do professor é sem dúvida alguma a principal culpada pela dificuldade em aprender dos filhos. Para eles os pais não estão conseguindo se impor diante deles e acabam deixando os próprios de lado. Não acompanham a evolução do aluno na escola, não procuram conversar com os professores sobre seus filhos (mesmo quando chamados à escola muito deles demoram a comparecer ou até mesmo não vão). Uma das professoras me confessou que não aceitava uma mãe dizer que não sabia mais o que fazer com seu filho, diante de tantas reclamações dos professores, que isso era resultado da educação que é dada a ela em casa; a principal queixa do professor é que muitos pais acreditam que a escola tem que dar educação aos filhos, o que é atribuição deles.

 E por não compareceram a escola, acabam acreditando nos filhos quando surge alguma reclamação (que geralmente é dos filhos) comparece a escola com fins de agredir o professor verbalmente e taxá-lo de incompetente, que está discriminando o filho (a) dele (a).

Outro fato importante que comentaram foi sobre aqueles poucos pais que comparecem a escola para saber sobre seus filhos, eles afirmam que os mesmos só procuram a escola quando nota que o rendimento escolar caiu; enquanto os filhos estiverem tirando nota boa (não importa os meios usados) tudo está bem, quando acontece o contrário eles ai viram fera dizendo que o professor foi o culpado, nunca atribuindo aos filhos esse baixo rendimento. Eu mesma presenciei várias discussões entre professores e pais, e observei vários comentários dos mesmos chamando os professores de irresponsáveis por não ensinar direito seus filhos.

**3.4.3 – Queixa das professoras sobre o sistema de governo e sobre a estrutura da escola.**

 Quando se trata da estrutura física da escola, notamos que os professores são unânimes em criticar as atuais condições de trabalho dentro da escola; as salas de aula são pequenas, sem ventilação, afirmam que a escola não tem suporte para está funcionando com tantas atividades acontecendo nela. Um exemplo destas atividades é o programa “Mais Educação” que acontece em uma das salas da escola, as aulas de judô são feitas em um pequeno pátio, onde também acontecem as aulas de educação física. *“Existe horários que é impossível dar aula com tanto barulho”* reclama uma das professoras entrevistada em relação a essas atividades.

 Além disso, devido aos poucos recursos disponibilizadospara escola (pois a mesma só recebe um tipo de recurso que é o PDDEcujo valor é baixopara suprir as necessidades da escola), os professores têm que trabalhar com aquilo que lhes é oferecido, faltando até papel oficio para o desenvolvimento das atividades.

 Outra queixa bastante pertinente foi ao sistema de governo que segundo eles coloca hoje o professor numa situação muito ruim; falam em inclusão sem professores preparados para receberem alunos nesta situação, preparam programas e mais programas para alfabetização sem antes fazer um balanço do quantitativo de professores do município que possa receber essa formação continuada e aplicar efetivamente com os alunos. “*Hoje o que esta acontecendo no município de Nossa Senhora do Socorro (município em que a escola esta inserida) é que nasescolas os estagiários estão assumindo o lugar dos professores, são capacitados por esses programas, mais tem um limite de tempopara estarem nas salas de aula, terminando o estágio eles saem, e toda a capacitação vai com eles, entrando novos estagiários sem nenhuma experiência para enfrentar e lidar com a realidade do cotidiano da escola”.* Diz uma das professoras entrevistadas.

**3.5 – Bloco temático II - Queixas dos alunos sobre a professora, família, escola, colegas.**

Q1 - Qual foi a sua maior dificuldade na atividade? Por quê? Nº de part. 12

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Não reconhecer os sons da letra enunciada/ Achei difícil/ Não entendi a explicação dada. | 1 - Dificuldade em todos os sons da letra X. | 58% |
| 2 – Senti dificuldade somente de encontrar o som de x com qs. | 25% |
| 3 – Não fiz a atividade direito porque não entendi a explicação. | 16% |

Como vemos na tabela acima, todos os alunos tiveram dificuldade em executar a atividade proposta a eles por diferentes razões, na sua maioria 58%, apontaram uma grande dificuldade em identificar os sons da letra x; alguns conseguiram, mais o som de x com qstotalizaram 83% dessas dificuldades, eles afirmaram não conseguir fazer porque nunca foi explicado a eles direito. Outros 16% disseram que não conseguiram fazer porque não entendeu a atividade e também não entendeu a explicação dada (e também não perguntaram sobre a atividade).

Q2 – E nas outras atividades, qual a maior dificuldade?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Não tenho nenhuma dificuldade/Tenho dificuldade na leitura/ Tenho dificuldade em matemática/ Não consigo lembrar as explicações. | 1 – Tenho dificuldade nas leituras. | 33% |
| 2 – Tenho dificuldade em fazer as contas/matemática. | 58% |
| 3 - Eu não tenho nenhuma dificuldade nas atividades. | 16% |
| 4 – Eu não sei ler. | 8% |
| 5 – Não lembro as explicações. | 8% |

 Continuando a análise, percebemos que na Q2 os alunos na sua maioria disseram ter dificuldade em matemática, e apontaram as contas como o principal vilão deles, outros 33% afirmaram que não conseguem ler adequadamente, e até alguns não sabem ler de jeito nenhum (não conhecem letras). Alguns deles confessaram que não conseguem nem lembrar a explicação que a professora deu em determinado assunto (memória curta).

Q3 – Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A –Gosto de Matemática /História/Ciências/Português. | 1 – Matemática, porque gosto dos números. | 33% |
| 2 – Ciências, eu não sei explicar. | 8% |
| 3 – Português porque acho mais fácil. | 50% |
| 4 - História, porque gosto de saber dos antepassados. | 8% |

 De acordo com as respostas da tabela acima, percebemos que os alunos afirmam gostar mais da disciplina de português (50%) porque dizem ser a mais fácil (a referenciade disciplina difícil sempre é a matemática), outros (33%) gostam de matemática porque dizem ser dar muito bem com os números; alguns de ciências (mesmo sem definir porque) e outros de história (porque gostam muito de estudar sobre os antepassados).

Q4 – Você se sente incapaz de aprender? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A –Sim/ Não. | 1 - Sim, por mais que a professora me explique não compreendo. | 8% |
| 2 – Não tenho dificuldade, porque procuro aprender. | 41% |
| 3 – Sim, mais não sei explicar. | 25% |
|  | 4 – Sim, não consigo entender as explicações e fico nervoso (a). | 33% |

 De acordo com as respostas obtidas na questão quatro, podemos observar que 41% dos alunos afirmaram não se sentir incapaz de aprender porque procura se esforçar quando não conseguem entender algo (nas conversas informais eles confessaram procurar sempre ajuda de quem na concepção deles sabem mais), outros 33% afirmaram que sim porque mesmo que entenda determinado assunto na hora da prova fica nervoso (a) e ai acaba não fazendo nada; outros 25% dizem sentir essa incapacidade mais não conseguem explicar o porquê, mais uma das alunas entrevistadas foi enfática em dizer que mesmo que a professora explique de novo ela não compreende, “*eu já disse a minha mãe que o problema éeu, eu sou burra mesmo”,* disse ela.

Q5 – Você sente dificuldade quando a professora explica os assuntos em sala de aula? Explique – me.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A - Sim/ Não/ Algumas vezes. | 1 – Sim, não consigo entender quando ela explica. | 25% |
| 2 – Não, entendo logo na primeira explicação. | 25% |
| 3 – Sim, ela passa muito dever no quadro. | 16% |
| 4 – Algumas vezes, porque ela só explica uma única vez. | 25% |
| 5 – Sim, porque a sala é muito barulhenta. | 8% |

 Há uma diversidade nas respostas desta questão, de acordo com que os alunos disseram 25% dos alunos afirmam que não conseguem entender quando a professora explica, mais não souberam apontar o porquê, já outros 25% culparam a professora por essa falta de entendimento na hora da explicação, afirmaram que a professora não retorna o assunto se por um acaso eles não entenderem do que esta se falando, fazendo com que os alunos já não tenham o costume de pedir para que ela retorne no assunto dado, outros 16% diz que a professora passa muito dever no quadro que acaba dando preguiça de copiar ou atrapalhando na visão porque existe muita informação e eles não conseguem discernir do que se trata; alguns reclamaram da sala que é muito barulhenta (seja porque os alunos conversam muito, ou porque a sala não tem a divisão adequada com a outra sala ao lado, por isso todo o barulho da outra sala acaba atrapalhando a aprendizagem deles); mas outros 25% afirmam não ter dificuldade em entender o que a professora explica.

Q6– Seus pais acompanham suas atividades na escola? Ex. agenda, atividades para casa.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim/ Não/Só quando eu passo pra eles as atividades/Só a minha mãe acompanha/Algumas vezes. | 1 – Minha mãe acompanha. | 25% |
| 2 – Sim, acompanha. | 33% |
| 3 – Não acompanha. | 16% |
| 4 - Algumas vezes, mais a maioria faço sozinho (a). | 16% |
| 5 – Minha mãe faz o dever por mim. | 8% |

 Com os resultados dessa tabela, podemos verificar que 33% dos pais acompanham as atividades da escola, outros 25% somente a mãe acompanha, 16% afirmam que nem pai, nem a mãe e nenhum outro responsável por eles acompanham; outros afirmam fazer sozinho quando a mãe não consegue acompanhar os deveres de casa , e um deles disseram ser a mãe que faz o dever por ele porque ele tem dificuldade de aprendizagem e tem medo de levar o dever de casa pra escola sem fazer.

 Q7-Qual o sentimento que fica quando você não consegue ler ou entender alguma atividade?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A - Me sinto culpado (a) / Triste/Tenho medo/Nervoso (a)/Não tenho sentimento algum/Sinto vergonha. | 1 – Eu tenho vergonha. | 8% |
| 2 – Culpado (a) por não conseguir aprender. | 41% |
| 3 – Me sinto triste | 25% |
| 4 - Fico nervoso (a) | 8% |
| 5 – Tenho medo, penso que não vou conseguir aprender mais. | 16% |
| 6 – Não tenho sentimento algum. | 16% |

 Os resultados dessa tabela foi aqueles que me chamaram mais atenção, porque à medida que eu fazia a pergunta podia observar as reações dos alunos juntamente com as respostas dadas. Então 41% desses alunos afirmaram que se sentem culpados por não conseguir aprender. Na minha concepção as outras respostas são resultados dessa culpa, ou seja, os 8% da vergonha, os 25% que afirmaram sentir-se triste, os outros 8% que disseram ficar nervoso e até aqueles 16% que disseram ter medo por pensar que não irá mais conseguir aprender. Só 16% (equivalente a duas respostas) disseram não ter sentimento algum.

Q8 – Pra você, o que poderia melhorar na aula ou em casa para que você não tivesse dificuldade na aprendizagem?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Aulas reforço na escola/Ter mais professores/ Melhora do comportamento dos alunos em sala/melhorar o barulho em sala de aula/ Me esforçar mais/ Mais horas de leitura. | 1 – As salas de aula têm que melhorar, existe muito barulho vindo de outras salas. | 16% |
| 2 – Aulas de reforço. | 16% |
| 3 - Não precisa melhorar nada. | 8% |
| 4 – Os alunos têm que melhorar o comportamento na escola e em casa. | 8% |
| 5 – Precisaria me interessar mais nos estudos. | 8% |
| 6 – Ter mais professores na escola. | 8% |
| 7 – Ter mais horas de leitura. | 16% |
| 8 – Não sei explicar. | 16% |

 Acompanhando os resultados da tabela acima, notamos que as crianças deram algumas indicações do que poderia ser feito para melhorar o aprendizado, em contrapartida fizeram críticas a estrutura da escola e aos comportamentos dos seus colegas. Podemos observar que 16% pedem aulas reforço dentro da escola, 8% indica a contratação de mais professores, 16% pedem mais horas de leitura ou a criação de um cantinho de leitura com livros interessantes para eles, 16% apontam salas de aula muito barulhentas por isso pedem a melhoria na estrutura das salas, outros indicam que eles mesmos precisam melhorar mais, e 16% não sabe explicar.

Q9 – O que você entende por conseguir “um futuro melhor”, “ser alguém na vida”?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Estudar/ Ter um bom emprego/ Ser independente/Sem definição. | 1 –Estudar para conseguir um bom trabalho. | 33% |
| 2 –Estudar par ater boas notas. | 8% |
| 3 –Ter um bom trabalho para ser independente. | 41% |
| 4 –Não consigo definir. | 16% |

 De acordo com os resultados da tabela Q9, verificamos que 41% das respostas dos alunos apontam que o trabalho é que poderá tornar a pessoa independente e assim conseguir ser alguém na vida (notei que essa resposta tem a influência unânime da família porque o tempo todo eles falavam *“minha mãe ou meu pai sempre me disse isso”*), outros 33% afirmam que somente com o estudo é que podemos ter um bom trabalho, outros 8% dizem que estudar e tirar boas notas pode garantir um futuro melhor (não se preocuparam com o trabalho) e outros 16% não conseguiram definir.

Q10 – O que você entende por essas expressões “não ser nada”, “não ser ninguém”?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
|  A – Pessoas que não estudam/ Não conseguem realizar seus sonhos/Pessoas que não tem dinheiro/ Sem definição. | 1 – São pessoas que não tem dinheiro. | 8% |
| 2 - São pessoas que não estudam. | 33% |
| 3 – São pessoas que não são reconhecidas pelos outros. | 16% |
| 4 – São pessoas que nunca vão conseguir realizar seus sonhos. | 8% |
| 5 – Acho que não deveria existir essa frase “Não ser ninguém”. | 8% |
| 6 – Não sei definir. | 16% |

 Analisando as respostas dessa tabelaverificamos que 33% delas afirmam que as pessoas que não estudam não é ninguém (configurando a importância da escola para elas); 16% dizem que são aquelas que não são reconhecidas pelos outros (isso mostra a importância do reconhecimento do outro para que seja mantido o bem estar consigo mesmo), outros 8% disseram que são aquelas que nunca vão conseguir realizar os seus sonhos; uma delas ficou até constrangida com a pergunta e disse que não deveria existir essa frase “Não ser ninguém” para ela é muito triste uma pessoa não ter reconhecimento; outros 16% disseram não saber definir.

**3.5.1 – Queixa dos alunos sobre a professora.**

 Durante as entrevistas, procurei não levantar questões diretas sobre a pesquisa para não constrangê-los, por isso fui captando os sentimentos que eles depositavam em cada resposta e procurando entender o porquê, para Rubinstein (2003):

[...] para responder às angústias dos adultos e a do próprio aluno, não há certezas. Pois se trata de entender o sujeito inserido no tempo e no espaço cultural. A incerteza é incomoda e provoca angústias. Todos estamos imersos na incerteza: adultos e crianças. (RUBISNTEIN p.69)

 Deste modo procurei entender os alunos inseridos dentro do contexto escolar e de acordo com o universo cultural dos mesmos.

 Uma das queixas a professora da turma pesquisada foi a de que a mesma escreve muito e por isso alguns se atrapalhavam na escrita das atividades e outros até afirmaram que dava preguiça de realizá-las; outros alunos disseram que a professora nunca explica duas vezes o mesmo assunto, por isso eles tinham medo até de perguntar de novo quando não conseguiam entender (sentimento bem recorrente durante as entrevistas), ou seja, eles não sabiam e ficava por isso mesmo porque a professora não se dispunha a explicar novamente.

**3.5.2 – Queixa dos alunos sobre a família.**

 Perguntei sobre a ajuda e acompanhamentos da família aos mesmos durante as atividades de casa e a maioria deles afirmaram que os pais acompanham, mais alguns disseram que os pais só acompanham ou ajudam eles a fazerem as atividades se forem informados, ou se surgir alguma queixa por parte deles sobre algo que aconteceu na escola. Um dos alunos chegou a me confessar que a mãe faz o dever pra ele, porque ele não sabe (percebi ser algo recorrente na escola porque fui professora estagiária e vários dos meus alunos tinham suas atividades respondidas pelos pais pelos simples fato que os mesmos tinham preguiça de fazer).

**3.5.3 – Queixa dos alunos sobre a estrutura da escola.**

 As crianças afirmaram sentir-se prejudicadas pela falta de estrutura da escola, a sala que elas têm aula não possui divisão adequada com a outra sala ao lado (as paredes não vão até em cima) e por isso todo o barulho e conversas da sala ao lado acabam prejudicando a aprendizagem deles. Também comentaram informalmente sobre as atividades do “Mais Educação” e da educação física que são desenvolvidas no único pátio da escola*, “Ninguém consegue aprende com tanto barulho”* afirma uma das alunas.

**3.5.4 – Queixa dos alunos sobre os colegas.**

 Um dos pontos importantes que os alunos abordaram sobre a queixa escolar foi o mau comportamento dos colegas durante as aulas, afirmaram que os mesmos conversam muito em sala e eles tentam compreender o que a professora está falando mais não conseguem.

**3.6- Queixas da família sobre as professoras, família, escola, colegas e outras.**

Q1 – Qual a profissão que você queria que seu filho exercesse? Por quê? Nº de Part. 12

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Não tenho escolha, a opção é dele (a)/Médico porque salva vidas/Professor porque é preferência dele (a) /Pedreiro porque é a profissão da família. | 1 - Médico porque tem um amplo campo de trabalho e é uma profissão que salva vidas. | 25% |
| 2 – Professor (a) porque ele (a) gosta. | 25% |
| 3 – Não tenho escolha, só gostaria que fosse uma profissão que garantisse um bom emprego. | 16% |
| 4 – Pedreiro, porque é a profissão da família. | 8% |
| 5 - Não tenho escolha, prefiro deixar por conta dele (a). | 33% |

De acordo com as respostas da tabela acima, podemos verificar que 33% dos familiares dos alunos dizem não ter escolha pela futura profissão deles, e que preferem que os mesmos escolham sem a interferência deles, cabendo a eles somente o incentivo para que as crianças consigam o que querem, outros disseram que apesar de não querer interferir, preferia que fosse uma profissão que garantisse um bom emprego; Já 25% optou por incentivar os filhos a seguir a medicina por ter um amplo campo de trabalho e outros 25% a profissão de professor, porque segundo eles é opção dos próprios filhos; mas 8% (que representa a resposta de uma das mães) disse que gostaria que seu filho seguisse a profissão da família, Pedreiro.

Q2 –Qual nível de escolarização que você gostaria que seu filho atingisse? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A - Não tenho preferência/ Nível Superior. | 1 – Não tenho preferência, a escolha é dele. | 8% |
| 2 – Nível superior, pra ter um futuro melhor e uma boa profissão. | 92% |

 Na tabela acima verificamos que a maioria das famílias entrevistadas afirma que gostariam que seus (suas) filhos (filhas) chegassem a fazer o curso superior, alguns me disseram que se estes conseguissemchegarà graduação já estariam satisfeito, tanto que garantisse um bom emprego (todas estas famílias tem a consciência que somente através da educação é que as crianças vão conseguir um bom emprego), apenas uma dessas famílias afirmou que deixaria por conta do filho, a escolhe é dele.

Q3 – Com o estudo que você está oferecendo para seu filho, você acredita que ele irá conseguir ser o que ele ou você deseja no futuro? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Sim, mas depende dele/ Não sei/ Acho que não/Com certeza. | 1 – Sim, porque o aprendizado depende do aluno. | 25% |
| 2 –Sim acredito, porque ele (a) é esforçado e os professores da escola são bons. | 58% |
| 3 – Não, o ensino não é bom. | 16% |

 Quando perguntei aos pais sobre o a satisfação deles com o aprendizado das crianças, percebi que 58% deles mostraram-se satisfeitos com o estudo que estava oferecendo pelo simples fato que é o que eles podem fazer no momento, eque devido às circunstâncias eles são obrigados a acreditar que seus filhos irão alcançar bons resultados no futuro pelos seus próprios esforços, outros 25% acreditam que as crianças vão alcançar o que querem porque depende somente deles, e outros 16% afirmam que não porque o ensino está muito ruim.

Q4 –Para você o que impede o aprendizado do seu filho? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Professores mal preparados/ Falta de interesse do aluno/ As greves constantes/A falta de incentivo dos pais/A falta de diálogo entre os pais e a escola/A má qualidade do ensino público. | 1 – Professores trabalhando insatisfeitos e uma má coordenação da escola. | 8% |
| 2 – A falta de um profissional especializado, professores preparados. | 8% |
| 3 – Falta de atenção dos próprios alunos. | 41% |
| 4 – As greves constantes das escolas. | 8% |
| 5 – As mudanças constantes de escola, porque moro de aluguel. | 8% |
| 6 -A falta de incentivo dos pais. | 16% |
| 7 – Nada, ele (a) não dá trabalho. | 8% |
| 8 – A má qualidade do ensino público. | 16% |

 Nas análises dos resultados constantes na tabela Q4 observamos que a maioria dos pais (41%) culpa os próprios filhos pelo fracasso escolar dos mesmos, indicam que a falta de interesse pelos estudos é o principal motivo pelo qual eles não conseguem aprender e por isso acaba gerando a queixa; percebemos também que as outras respostas foram bem diversificadas, apontaram N motivos entre eles a falta de incentivo dos pais (16%) a má qualidade do ensino público (16%), as greves constantes (8%) falta de professores preparados, professores trabalhando insatisfeitos e falta de coordenação na escola (8%); as mudanças constantes de casa (8%) e por fim uma das mães entrevistada afirmou que sua filha não tem problemas com a aprendizagem.

Q5 –Se você pudesse oferecer outro tipo de educação a seu filho, você ofereceria? Qual? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Procuraria uma escola particular/Ofereceria cursos técnicos. | 1 –Colocaria numa escola particular com um ensino de qualidade. | 58% |
| 2 – Colocaria para fazer cursos técnicos. | 33% |
| 3 – Colocaria numa banca para ajudar mais a ele. | 8% |

Perguntado aos pais se eles pudessem oferecer outro tipo de educação para seus filhos, obtivemos as seguintes respostas: 58% deles responderam ter vontade de colocá-los em escolar particular, pois consideram que vão ter melhor acompanhamento e profissionais que poderiam ajudá-los melhor diante do surgimento de uma queixa escolar; outros 33% disseram que poderiam dar uma formação para a vida oferecendo cursos técnicos que possibilitariam a eles uma especialização mais rápida e com isso facilitariam na escolha da profissão; e 8% disseram que apenas colocariam em uma banca para fazer reforço nos estudos.

Q6 –Você acredita em outros meios de ter sucesso na vida sem ser através da educação escolar? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Acredito/ Não acredito  | 1 – Não acredito, somente através da educação escolar podemos obter sucesso na vida. | 92% |
| 2 – Sim, a educação familiar pode ajudar a criança a ter sucesso na vida. | 8% |

 Diante das respostas observadas na tabela acima verificamos que 92% das respostas dos entrevistados apontaram que somente através da educação é que as crianças podem ter sucesso na vida, e 8% disseram que se a família der orientação necessária, as crianças podem alcançar o que almejam.

Q7 – O que você mais teme em acontecer com o seu filho (a) nesse percurso de escolarização? Por quê?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Desistência dos estudos/ Envolvimento com drogas/Envolvimento com amizades erradas/Da violência nas escolas. | 1 – Temo que não consiga concluir os estudos porque está cada vez mais difícil manter a criança na escola. | 50% |
| 2 – Tenho medo que reprove, porque atrasaria seu aprendizado. | 25% |
| 3 -Tenho medo que se envolva com amizades ruins, e também da violência. | 25% |

De acordo com as respostas da tabela Q7 podemos verificar que 50% dos pais temem que seus filhos não consigam concluir seus estudos, seja por desistência ou pelas conseqüências da má influencia dos colegas, ou pela falta de condição para sustentar seus filhos na escola; outros 25% acreditam que a violência e as más amizades são o grande motivo de preocupação nos dias atuais; já outros 25% tem medo que seus filhos reprovem durante o ano escolar.

Q8 – Qual à medida que você toma para que seu filho não se desvie do caminho considerado correto por você?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Procuro aconselhar/Não tomo medida alguma/Procuro dar bons exemplos. | 1 – Procuro dar bons exemplos. | 8% |
| 2 – Procuro aconselhar para que ele não pare de estudar. | 66% |
| 3 – Acompanho o seu desenvolvimento na escola. | 33% |
| 4 – Proíbo certos tipos de amizade. | 8% |

Podemos verificar nas respostas da tabela acima que os pais dizem utilizar a conversa para tentar fazer com que seus filhos não se desviem do caminho considerado correto por eles, afirmam que sempre estão tentando explicar aos mesmos que somente a educação poderá dar um bom futuro; 33% afirmaram que acompanham sempre a vida escolar deles, procurando saber seu comportamento e como anda seu aprendizado, já 8% disseram que um bom exemplo faz tudo, e outros 8% diz proibir amizades erradas não deixando seus filhos brincar na rua ou na casa de amigos.

Q9 – Na sua opinião, de quem é a culpa pelo fracasso escolar do aluno?

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Argumentos Centrais | Categorias | Frequência% |
| A – Da escola/ do professor (a) /dos próprios alunos/do sistema de governo/da família. | 1 –Sistema de governo que gerencia mal a educação e coloca maus gestores nas escolas. | 25% |
| 2 –Da Família que não educa direito as crianças. | 41% |
| 3 –Dos professores que não estão preparados e não se importa com os alunos. | 33% |
| 4 – Dos próprios alunos | 50% |
| 5 – Da má alimentação em casa. | 8% |

Verificando as respostas da tabela Q9 podemos ver que metade das famílias entrevistadas atribuiu a culpa pelo fracasso escolar do aluno, aos próprios alunos que estão cada dia mais disperso e não se interessam em estudar; 41% disseram que a culpa é dos pais que não estão mais sabendo educar seus filhos; 33% atribuíram a culpa aos professores, porque não estão preparados para ensinar seus filhos e não se importam mais com eles: 25% afirmam que o sistema de governo é quem gerencia mal a educação, que não investe o necessário para que as escolas tenham qualidade no ensino e que acabam colocando a frente dessas escolas maus gestores: já 8% afirmam que o aluno não tem bom desempenho na escola quando vive em estado de extrema pobreza, sem nem ter o que comer no dia.

3.6.1 - **Queixas da família sobre os professores.**

Durante as entrevistas procurei me manter distante da minha condição de professora da escola, deixando claro aos pais que estava ali somente como pesquisadora e não procuraria interferir em nada nas opiniões deles. Então procurei saber quais as queixas que os mesmos tinham dos professores (as) e que no entendimento deles interferia diretamente do aprendizado dos seus filhos, alguns deles afirmaram que os professores atualmente não tem tanta responsabilidade com os alunos como antigamente, que tanto faz se ele estuda ou não, disseram que faltam muito e também não procuram se atualizar para trazer novidades para as crianças.

3.6.2 **– Queixa da família sobre os alunos.**

Os pais disseram que os filhos são os principais responsáveis pelo seu fracasso escolar, reclamaram que eles estão muito dispersos e que não dão mais importância para as atividades da escola, quando chegam em casa não procuram estudar; na concepção deles os alunos é que tem que procurar se esforçar sem precisa que eles fiquem o tempo todo cobrando deles tal atitude.

3.6.3 **– Queixa da família sobre os pais**

 Os pais afirmaram que a culpa pelo fracasso escolar das crianças é deles mesmos, disseram que muitos não procuram saber como o filho estar se comportando na escola, se estão aprendendo ou não, deixa-os livres durante o tempo que deveria estar estudando, não cobram,não impõem regras, não dão exemplo, não instrui corretamente; muitos deles por trabalhar fora deixa as crianças sozinhas em casa, ou com pessoas que não tem a responsabilidade com eles.

3.6.4 **- Queixa da família sobre o sistema de governo.**

Alguns pais entendem que as queixas escolares são provenientes de um sistema de governo mal administrado, e que na realidade (apesar das propagandas) não beneficiam prioritariamente os alunos, apontaram desde a falta de estrutura das escolas com salas apertadas, escuras muito barulhentas, até o mau gerenciamento das escolas, com diretores que não sabem gerir, coordenadores que não coordenam nada direito, professores que fingem ensinar e consequentemente alunos que fingem aprender. Disseram que o dinheiro destinado a educação é mau aplicado, que não entendem o calendário escolar com tantos feriados, folgas etc....

3.6.5 **– Queixa da família sobre a condição de extrema pobreza das famílias.**

 Apesar de não ser tantas vezes citados decidir colocar a queixa da família sobre a condição que muitas delas vivem a de “extrema pobreza”, porque convivi durante um ano com alunos nessa condição, e vi durante as visitas essa realidade. Muitos deles sofrem porque são filhos de pais separados onde as mães têm que sobreviver catando caranguejo no mangue perto de casa, ou com apenas a bolsa família. Vários deles o que comem no dia é a merenda escolar, e muitos quando recebiam suas merendas pediam as moças responsáveis novamente para poder guardar e levar pra casa.

 Essa queixa foi citada apenas por um dos pais que disse não haver condições de uma criança com fome aprender adequadamente, que muitas das famílias não têm condição nem de comprar um lápis nem caderno para seu filho estudar.

**3.7 - Desmistificando nos discurso dos alunos, professoras e família, as dificuldades no processo de escolarização (queixa escolar): a quem está atribuída a culpa?**

 Analisando todas as respostas que obtive durante as entrevistas pude constatar que: professores e família são unânimes ao indicar como culpado os alunos, o professor diz que os mesmos têm consciência da importância da educação para seu futuro e mesmo assim não se interessam em estudar e a família coloca a preguiça como principal causador dessa falta de interesse. Outro ponto bem forte é a culpabilização da família por parte dos professores; eles dizem que esta é ausente, que não procura saber sobre o comportamento dos seus filhos e por mais que tentem dialogar com eles não obtêm retorno satisfatório. Os pais culpam os professores por considerar que os mesmos não estão preparados para enfrentar os problemas que surgem em sala de aula. Alunos culpam professores por serem intolerante e não passarem o conteúdo de maneira clara. Alunos e professores culpam a estrutura da escola que não oferece condições favoráveis de aprendizagem, e a família e professores apontam o sistema de governo que gerencia mal a educação e não investe adequadamente.

**3.8 - Desvelando no discurso sobre as queixas escolares da família, dos alunos e da professora: a quem está atribuída a culpa? E por quê?**

Considero que a experiência da pesquisa sobre a construção social da culpa na produção da queixa escolar me fez rever alguns pontos sobre apontar culpados, claro, levando em conta tudo que vi e vivi durante as entrevistas com os envolvidos.

Notei que quanto mais a família é carente, mais ela aponta a escola como principal culpada pela queixa escolar dos seus filhos, mais ai fica a pergunta será que não é porque a família é carente e por isso é a que mais precise da escola pública? E por precisarem e sentirem-se excluídas por sua condição apóiam-se nela com a certeza de que é o único caminho para melhoria de vida dos seus filhos?

 Outra realidade que vi foi a que no atual quadro em que se encontra essas famílias, o ponto de apoio essencial para eles é sem dúvida nenhuma a escola; seus filhos não temreferencia, a famílias estão desestruturadas, as crianças não tem noção de regras de convivência porque vivem em um meio que não existe regras, os pais não sabem com agir nem reagir diante das dificuldades dos filhos porque não tem como ajudar, e por isso fica para a escola a responsabilidade de educar seus filhos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A culpa está inserida na sociedade hoje como uma válvula de escape para os pais, professores e alunos, aquilo que não se consegue resolver passa-se adiante culpabilizando os envolvidos e cria-se um circulo vicioso que devemos tomar cuidado porque não sabemos aonde vai parar se não o pararmos hoje e começarmos a nos responsabilizar pelos nossos atos.

Hoje o ser humano não consegue mais viver sem leis, para tudo existem leis que estão regendo nossas vidas, porque sem perceber estamos voltando a nossa condição primitiva num mundo globalizado onde perdemos as referencias do que somos. Por isso culpamos o outro porque não queremos levar a responsabilidade dos nossos atos nas nossas costas.

Espero com esse trabalho ter contribuído um pouco para o entendimento das falas e atitudes que vivenciamos dentro do ambiente escolar, e saber que a culpa não é um sentimento isolado surgido em determinado momento da vida do individuo quando este está em situação de fracasso, mas sim um sentimento que diz algo de si e um resultado de problemas que perpassam toda a vida do sujeito.

**REFERÊNCIA.**

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 de Julho de 1996

BRASIL**.** Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília. DF. Senado Federal. Centro Gráfico. 1988.

BRUSCHINI. Maria Cristina. Uma abordagem sociológica de família. Revista Brasileira de Estudos de População. Disponível em: Acesso em 25 jan. 2015.

CHARLOT, Bernad. Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização. Artmed. Porto Alegre. 2007.

CHARLOT. Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. 1ª Ed. Cortez. São Paulo. 2013. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

FREUD. Sigmund. O mal estar na civilização, disponível em <http://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf>. Acessado em 08/11/2014.

RUBINSTEIN, Edith Regina. O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer. Casa do psicólogo. São Paulo. 2003.

### RUBINSTEIN. Edith. O estilo de aprendizagem e a queixa escolar. Disponível em: <http://www.plenamente.com.br/artigo/33/-estilo-aprendizagem-queixa-escolar-edith-rubinstein.php>. Acessado em 28 de Jan. de 2015.

MORESI, Eduardo. Metodologia de Pesquisa. Universidade Católica do Brasil - UCB, Programa de pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e tecnologia da informação. Brasília. 2003.

MUZZINATTI. João Luiz. Revista Direcional Escolas. 03 de Fev. 2014. Acessado em 12 de Dez. de 2014.

### POLATO. Amanda. 5 mitos da relação família escola. Na hora de formar crianças e adolescentes é preciso refletir sobre a ação conjunta dos pais e dos professores.[http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/familia-escola-educacao -502577.shtml#](http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/familia-escola-educacao%20-502577.shtml). Acessado em 25 Jan. 2015.

### SCHNEIDER. Henrique Nou. LACKS. Solange (organizadores) A educação no século XXI. In: Francisco Antônio Pereira Fialho e Gustavo Loureiro Fialho. Formando os magos do amanhã. São Cristovão/Se. Editora UFS. 2012.

WYKROTA, Jordelina Lage Martins, W981a Aspectos emocionais de procedimentos de ensino de professores de ciências do ensino médio. Belo Horizonte. UFMG/FAE. 2007.256. f. Tese Doutorado em Educação Orientador: Oto Neri Borges. Ciências Estudo e ensino. 2. Professores de ciências. II. Titulo II, Oto Neri Borges III, Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação.

APÊNDICES

APÊNDiCE a – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA FAMÍLIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezada Família,

Esta entrevista foi elaborada como instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Através deste, objetivamos buscar a quem e porque pais, professores e alunos atribuem a culpa pelo fracasso escolar das crianças. Ressaltando que não há respostas certas ou erradas, apenas pareceres individuais. Os dados aqui coletados serão sigilosos, mantendo todos os envolvidos na pesquisa com o direito ao anonimato. A sua opinião é importante para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Contamos com sua colaboração e, desde já, agradecemos.

Cibele Costa Dantas

Contato: dantascibele@hotmail.com

**DADOS PESSOAIS**

Nome dos pais: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**ENTREVISTA**

**1.** Qual a profissão que você gostaria que seu filho exercesse? Por quê?

**2.** Qual nível de escolarização que você gostaria que seu filho atingisse? Por quê?

**3**. Com o estudo que você está oferecendo para seu filho, você acredita que ele irá conseguir ser o que ele ou você deseja no futuro? Por quê?

**4.** Para você o que impede o aprendizado do seu filho? Por quê?

**5**. Se você pudesse oferecer outro tipo de educação a seu filho, você ofereceria? Qual? Por quê?

**6.** Você acredita em outros meios de ter sucesso na vida sem ser através da educação escola? Por quê?

**7.** O que você mais teme em acontecer com o seu filho nesse percurso de escolarização? Por quê?

**8**. Qual à medida que você toma para que seu filho não se desvie do caminho considerado correto por você?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA Do professor

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezada Família,

Esta entrevista foi elaborada como instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Através deste, objetivamos buscar a quem e porque pais, professores e alunos atribuem a culpa pelo fracasso escolar das crianças. Ressaltando que não há respostas certas ou erradas, apenas pareceres individuais. Os dados aqui coletados serão sigilosos, mantendo todos os envolvidos na pesquisa com o direito ao anonimato. A sua opinião é importante para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Contamos com sua colaboração e, desde já, agradecemos.

Cibele Costa Dantas

Contato: dantascibele@hotmail.com

**DADOS PESSOAIS**

Nome da professora: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**ENTREVISTA**

**1.** Na sua concepção o que é a queixa escolar?

**2.** Quais os motivos das dificuldades de aprendizagem dos alunos?

**3**. Qual seu nível de diálogo com a família? Sempre esta em contato?

4. Fale-me um pouco sobre as suas condições de trabalho.

**5**. Você sente alguma culpa, quando os alunos não aprendem? Explique-me.

**6.** Você acha que a culpa dos alunos não aprender é da família? Explique-me.

7. Você acha que o fato dos alunos não aprender nasce de um preconceito, estigma ou discriminação? Explique-me.

**8**. Você acha que os alunos são responsáveis pelo fracasso escolar ou seu sucesso?

9. Os pais dos alunos são os primeiros responsáveis pelo fracasso dos seus filhos? Ou é o professor?

APÊNDiCE C – entrevista de explicitação com os alunos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezada Aluno,

Esta entrevista foi elaborada como instrumento de coleta de dados para uma pesquisa de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Através deste, objetivamos saber a quem pais, professores e aluno atribuem a culpa pelo fracasso escolar, e por que. Ressaltando que não há respostas certas ou erradas, apenas pareceres individuais. Os dados aqui coletados serão sigilosos, mantendo todos os envolvidos na pesquisa com o direito ao anonimato. A sua opinião é importante para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Contamos com sua colaboração e, desde já, agradecemos.

Cibele Costa Dantas

Contato: dantascibele@hotmail.com

Nome do aluno (pseudônimo)\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 – Qual foi a sua maior dificuldade na atividade?Por quê?

2 – E nas outras atividades qual a maior dificuldade?

3 - Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?

4 – Você se sente incapaz de aprender? Por quê?

5 – Você sente dificuldade quando a professora explica os assuntos em sala de aula? Explique-me?

6 – Seus pais acompanham suas atividades na escola? Ex. agenda, atividades para casa.....

7 – Qual o sentimento que fica quando você não consegue ler ou entender alguma atividade?

8 – Pra você, o que poderia melhorar na aula ou em casa para que você não tivesse dificuldade na aprendizagem?

9 - O que você entende por conseguir “um futuro melhor”, “ser alguém na vida”?

10 - O que você entende essas expressões “não ser nada”, “não ser ninguém.

APÊNDiCE D – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO**

**I – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTEDA PESQUISA**

NOME: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

DOC. DE IDENTIDADE NO \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ SEXO: M ( ) F ( )

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_

**II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA**

**TÍTULO DA PESQUISA:** A Construção social da culpa na produção da queixa escolar.

**PESQUISADORAS RESPONSÁVEIS:**

**ORIENTADORA**: Profa. Dra. Veleida Anahí da Silva, Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

**GRADUANDA**: Cibele Costa Dantas, aluna de licenciatura em pedagogia.

**III – EXPLICAÇÃO DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA**

**Objetivo do estudo:** Desvelar no discurso sobre as queixas escolares da família, dos alunos e das professoras a quem eles atribuem à culpa, e por que.

**Benefícios:** O resultado desta pesquisa poderá auxiliar os profissionais em educação no entendimento dos discursos apresentados pelos atores sobre a culpa na produção da queixa escolar.

**Procedimentos:** Para coleta de dados serão utilizados questionários com o intuito de obter dos participantes as informações necessárias para contemplar a referida pesquisa. Após recolhimento das devidas informações os dados serão categorizados e analisados. Portanto, seus relatos são de grande importância para o desenvolvimento desta.

**Avaliação do risco da pesquisa:** O participante não sofre nenhum risco com esta pesquisa, sendo este, imediato ou tardio.

**Confidencialidade:** Fica garantido aos participantes da pesquisa a confidencialidade a privacidade e o sigilo das informações individuais obtidas. Os resultados deste estudo poderão se publicados em artigos e/ ou livros científicos ou apresentados em congressos profissionais, mas as informações pessoais que possam identificar o indivíduo serão mantidas em sigilo.

**IV – GARANTIAS DO PARTICIPANTE**

Ficam garantidas ao sujeito da pesquisa:

1. O acesso a qualquer tempo, a informação sobre os procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa.
2. A salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
3. O direito de retirar-se da pesquisa no momento em que desejar.

**V – INFORMAÇÕES DOS RESPONSÁVEIS PARA CASO DE DÚVIDA COM A PESQUISA**

Profa. Dra. Veleida Anahí da Silva e Cibele Costa Dantas.

Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Avenida Marechal Rondon, sem número, Jardim Rosa Elze, Cidade Universitária Professor José Aloísio. Fone: (79) 2105-6759

**VI – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Eu declaro após o esclarecimento da pesquisa e, dos meus direitos como participante desta. Concordo em participar, assim como, autorizo a participação do meu filho e, a utilização dos dados coletados nos questionários para o desenvolvimento do referido estudo.

Aracaju, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ de 2014

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

 Participante da pesquisa Pesquisador

APÊNDiCE E – TERMO DE COMPROMISSO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE COMPROMISSO**

**ESTUDO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CULPA NA PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR**

Este termo tem como objetivo traçar um compromisso que envolve a pesquisadora **Cibele Costa Dantas,** RG: 961366 e a instituição Escola Municipal “Diva Maria Corrêa”, localizada na Avenida Auxiliar I, número 205, no conjunto Fernando Collor, na cidade de Nossa Senhora do Socorro, em que será desenvolvida a pesquisa.

A pesquisa é vinculada a Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação da **Profa. Dra. VeleidaAnahi da Silva,** e apresenta como metodologia para coleta de dados, diário de campo e questionários que serão aplicados com os alunos e suas famílias.

Compromisso do pesquisador:

* Tratar dos dados com transparência e veracidade;
* Cumprir os acordos firmados, utilizando instrumentos elencados na metodologia;
* Ser coerente com as particularidades da escola, respeitando os currículos e as especificidades da instituição;
* Manter o direito ao anonimato de todos os envolvidos na pesquisa;
* Apresentar um relatório parcial para apreciação de toda a comunidade escolar;

Compromisso da instituição:

* Possibilitar o livre acesso a escola E.M. “Diva Maria Corrêa” para efetivação da pesquisa;
* Disponibilizar documentos de interesse da pesquisadora que verse sobre o objetivo da pesquisa, respeitando a autoridade da instituição;
* Ser parceiro do pesquisador, deixando a comunidade escolar esclarecida do objetivo da pesquisa.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_de 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Testemunha

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Pesquisador

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Direção da escola

1. \*Obs. particularmente pude vivenciar essas salas de aula sem estrutura nenhuma, eram muito barulhentas, pois nenhuma tinha isolamento da outra e o que se passava nas salas ao lado prejudicava muito a aprendizagem dos alunos [↑](#footnote-ref-1)